

A economia ou a vida?

A economia não é e nunca será mais importante do que a vida!

Para nós, a vida sempre estará em primeiro lugar e a economia tem que servir para sustentá-la, resgatando seu sentido de trabalho e produção para uma vida melhor, para inclusão e bem viver, com sustentabilidade, cooperação e solidariedade.

A economia que estamos construindo é diferente da que Bolsonaro insiste em salvar. A dele é a economia capitalista que exclui, marginaliza, adoce e mata parcelas significativas da nossa população.

A miséria se intensificou nos últimos anos no Brasil: as políticas de enfrentamento da pobreza foram enfraquecidas, a Reforma Trabalhista e da Previdência mexeram com direitos fundamentais da população, aumentando o número de desempregados e a desigualdade social. O Salário Mínimo foi desvalorizado e temos 53 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza (IBGE 2019).

Agora, na pandemia, o governo continua sua política de beneficiar os bancos e grandes empresários, protegendo os interesses das elites que patrocinaram sua eleição. Ao mesmo tempo, cria medidas que permitem cortes salariais, aumentam o desemprego e deixam a população para trás, tentando desesperadamente acessar uma renda básica para aplacar a fome. O Auxílio Emergencial foi uma conquista dos movimentos sociais junto aos partidos de oposição no Congresso, mas o governo não consegue implementar em função do desmonte das políticas públicas e da incapacidade do Estado de atender a sociedade, somado à desvalorização dos servidores públicos.

Para Bolsonaro e seus empresários, as mortes, que já pesam sobre suas costas, são apenas efeito colateral. Mulheres, negros, pobres, idosos e pessoas de risco são descartáveis: diminuem os gastos previdenciários e podem ser substituídas, no mercado de trabalho, por uma legião de desempregados. Eles defendem “a volta à vida normal”, expondo a grande maioria à pandemia e à morte, ainda mais quando o SUS, tão necessário neste momento, foi sucateado.

Esquecem, no entanto, de dizer que a vida ‘normal’ não existe mais. Além da pandemia, temos que enfrentar uma estrutura sócio-econômica de muita desigualdade, com privilégios acumulados por poucos, que se mantém com o uso da força e a mistificação da realidade. Precisamos estar mobilizadas e atentas, exigindo a Renda Básica e as demais ações emergenciais, pelo tempo que forem necessárias para preservar a vida.

Somos mulheres e homens que vivemos do nosso trabalho e ajudamos a construir a riqueza deste país. E queremos discutir quem vai pagar a conta da retomada pós-crise. Não vamos deixar “a raposa cuidar do galinheiro”... Temos que pegar para nós a tarefa de pensar e discutir a economia do país e como enfrentar esta crise superando as desigualdades históricas e os graves problemas que ela alimenta. O Brasil é um país rico e a taxação das grandes fortunas, por exemplo, está prevista na Constituição mas nunca foi cumprida. Com isso, os ricos continuam lucrando bilhões de forma injusta e nós precisamos destes recursos para a reconstrução da economia, de forma democrática, solidária e sustentável.

Mais do que nunca devemos combater este governo e sua necropolítica e reafirmar uma nova economia, baseada na inclusão e na justiça social, cooperação e na solidariedade, integrando a economia com o cuidado e com a sustentabilidade da vida. Uma economia solidária e feminista, uma economia a serviço da vida!

1º de Maio de 2020.

**VIVA AS TRABALHADORAS E OS
TRABALHADORES QUE CONSTROEM A
RIQUEZA DESTE PAÍS!!!**

VIVA A VIDA!!

